

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA EM CAVALEIROS DO ZODÍACO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CAVALEIRO DE OURO DE CÂNCER, MÁSCARA DA MORTE

THE SHADOW ARCHETYPE IN KNIGHTS OF THE ZODIAC: A SEMIOTIC ANALYSIS OF THE GOLD SAINT CANCER, DEATHMASK

Thiago Barbosa SOARES¹

RESUMO: Este artigo analisa, sob a perspectiva da semiótica arquetípica, a composição da Sombra na personagem Máscara da Morte de Câncer, do anime *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Para isso, aplica-se a concepção junguiana de arquétipo, com foco na Sombra – expressão dos aspectos reprimidos e negados da psique. Máscara da Morte atua como antagonista direto, sendo expressão do niilismo, da crueldade e da perversão moral. Sua conduta evidencia a destruição de valores humanos, em contraposição à ética de Athena. Ao ser confrontado e derrotado por Shiryu, revela-se como representação da Sombra que deve ser integrada ou superada no caminho do herói. Sua iconografia e técnicas, como “Ondas do Inferno”, funcionam como testes de morte simbólica e confrontação da consciência. Conclui-se que Máscara da Morte encarna o mal que precisa ser derrotado para a ascensão moral dos protagonistas.

PALAVRAS-CHAVE: Máscara da Morte. Arquétipo da Sombra. Semiótica Arquetípica. Cavaleiros do Zodíaco.

ABSTRACT: This article analyzes, from the perspective of archetypal semiotics, the construction of the Shadow archetype in the character Deathmask of Cancer, from the anime *Saint Seiya* (Kurumada, 1986). To this end, the Jungian concept of archetype is applied, focusing on the Shadow – the expression of repressed and denied aspects of the psyche. Deathmask acts as a direct antagonist, embodying nihilism, cruelty, and moral perversion. His behavior evidences the destruction of human values, in contrast to Athena’s ethics. When confronted and defeated by Shiryu, he reveals himself as a representation of the Shadow that must be confronted or overcome in the hero’s path. His iconography and techniques, such as “Waves of the Underworld,” function as trials of symbolic death and confrontation of consciousness. It is concluded that Deathmask embodies the evil that must be defeated for the protagonists’ moral ascension.

KEYWORDS: Deathmask. Shadow Archetype. Archetypal Semiotics. Saint Seiya.

Considerações iniciais

A narrativa mítica sempre operou com estruturas simbólicas universais que ecoam a psique humana, e é no campo dos arquétipos que se encontra a sustentação simbólica mais profunda dessas estruturas. Carl Gustav Jung (2002) define os arquétipos como imagens primordiais

1. Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Líder do Grupo de Estudo de Análise do Discurso (GESTADi-UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>.

pertencentes ao inconsciente coletivo, instância psíquica compartilhada por toda a humanidade. Dentro desse panorama, a figura da Sombra ocupa um lugar de destaque por representar o que há de recalcado, oculto ou negado no indivíduo e na coletividade.

No universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), encontramos uma profusão de arquétipos expressos nas figuras dos cavaleiros, cada qual associado a signos astrológicos, virtudes espirituais e dilemas morais. Entre esses personagens, destaca-se o Cavaleiro de Ouro de Câncer, Máscara da Morte, como uma encarnação clara do arquétipo da Sombra. Diferente de seus pares, que comungam dos ideais de justiça e proteção divina, Máscara da Morte representa o avesso desses valores: é cruel, egocêntrico, hedonista na violência. Ele glorifica a morte e enxerga a destruição como prova de poder e superioridade.

Este artigo propõe, portanto, uma análise da personagem sob o viés da semiótica arquetípica, contrapondo interpretações equivocadas que lhe atribuíram a função de sábio ou mentor. Através da abordagem semiótica (Greimas; Courtés, 1989) e da psicologia analítica (Jung, 2002; Hillman, 2022), busca-se demonstrar como Máscara da Morte representa o desafio arquetípico que o herói precisa superar para alcançar a integração psíquica e moral. O embate entre Shiryu e Máscara da Morte será examinado como confronto simbólico entre luz e trevas, compaixão e desprezo, humanidade e negação.

Para isso, este estudo organiza-se em cinco seções. Após esta introdução, a segunda seção explora o arquétipo da Sombra segundo Jung e suas implicações narrativas. A terceira realiza a leitura semiótica do personagem como actante opositor. A quarta discute sua função na jornada do herói, de acordo com Campbell (2007) e Vogler (2006). A quinta apresenta as considerações finais, reiterando o valor simbólico da Sombra como catalisadora de transformação e crescimento na narrativa. O percurso interpretativo adotado visa restituir a coerência simbólica da obra original e corrigir desvios analíticos que contrariam o texto canônico do anime.

O mito, enquanto linguagem universal da alma, sobrevive na cultura contemporânea por meio de novas formas narrativas, como os animes, que reatualizam símbolos ancestrais sob estéticas renovadas. Como observa Campbell (2007), o herói mítico é uma constante antropológica, e sua jornada reaparece em diversas culturas e mídias. Assim, a análise arquetípica e semiótica de personagens como Máscara da Morte não apenas ilumina sua função narrativa, mas também revela como os mitos continuam a operar, inconscientemente, nos imaginários modernos. Ao decodificar tais estruturas simbólicas, acessamos os fundamentos profundos da experiência humana representados no espetáculo animado.

Máscara da Morte e a Sombra junguiana

Carl Gustav Jung (2002) descreve a Sombra como o arquétipo que compreende os conteúdos da psique pessoal e coletiva que foram reprimidos ou não reconhecidos pelo ego. Representa tudo aquilo que um indivíduo ou sociedade recusa admitir como parte de si. Na literatura,

cinema e animação, a Sombra se manifesta como o vilão ou antagonista, aquele que confronta o protagonista não apenas em termos de conflito externo, mas de dilemas internos profundos.

Máscara da Morte de Câncer personifica de forma clara essa Sombra. Ele não é apenas um inimigo físico, ele simboliza uma ruptura ética com os valores propostos por Athena e pelos cavaleiros que lutam por ela. Em sua primeira aparição na Casa de Câncer, no arco das Doze Casas, Máscara da Morte se mostra indiferente à vida humana, zombando da compaixão e exaltando a morte como justiça. Seu templo é adornado com rostos de vítimas, uma estética macabra que remete a necropolítica e celebração da violência, elementos típicos da Sombra não integrada.

A iconografia de Máscara da Morte é central para a articulação simbólica da Sombra. A armadura dourada, símbolo de nobreza entre os Cavaleiros de Ouro, contrasta com seu comportamento vil, produzindo um efeito semiótico de dissonância que acentua o caráter corrompido da personagem. O dourado, geralmente associado à luz e à virtude, aqui é resignificado como ironia: sua função simbólica é pervertida. Esse uso estético, no campo da expressão, atua como um índice da ruptura entre aparência e essência, forma e valor, revelando a máscara como metáfora da dissimulação ética. O próprio nome “Máscara da Morte” intensifica esse jogo de sentidos, pois evoca tanto o ocultamento da identidade quanto a estetização do ato de matar.

Como destaca Jung (2002), a Sombra não é apenas um reservatório de impulsos reprimidos, mas um dinamismo estruturante da personalidade. Seu enfrentamento é inevitável no processo de individuação, pois é somente ao tomar consciência desses aspectos recalcados que o sujeito pode ampliar sua consciência. No caso de Máscara da Morte, não se trata apenas de um comportamento antiético, mas da materialização de uma energia psíquica autônoma que age à revelia do ego. Ele é uma força que irrompe do inconsciente coletivo como um alerta simbólico das potências destrutivas da não integração.

A técnica “Ondas do Inferno” (Sekishiki Meikai Ha) intensifica essa simbologia ao lançar as almas dos oponentes ao Yomotsu Hirasaka, abismo da mitologia japonesa equivalente ao mundo dos mortos. Trata-se de uma destruição espiritual, e não apenas corporal. O golpe funciona como símbolo da fragmentação psíquica, um ataque direto à identidade do adversário, tentando reduzir o outro à condição de não ser.

Do ponto de vista simbólico, o confronto entre Máscara da Morte e Shiryu representa o embate entre ego e sombra. Shiryu, o cavaleiro que personifica a honra, o altruísmo e a fé, é levado ao limite de suas forças, físicas e espirituais. O que está em jogo não é apenas a vitória sobre um inimigo, mas a reafirmação de princípios diante do niilismo. O confronto entre Máscara da Morte e Shiryu é pontuado por elementos discursivos que reforçam a polaridade arquetípica. Enquanto Shiryu articula suas falas em torno de valores como justiça, amizade e sacrifício, Máscara da Morte adota um discurso hedonista e cínico, rindo da piedade e exaltando a dominação. A oposição entre os dois cavaleiros é, portanto, mais do que física ou ideológica: é discursiva no sentido foucaultiano, pois cada um representa uma formação discursiva distinta, com regimes de verdade e regimes de valor próprios. Essa oposição revela que a luta não se dá

apenas no plano da ação, mas no plano da significação: é o logos que está em jogo, e não apenas o corpo. A vitória de Shiryu marca a recusa da violência pelo prazer, da crueldade como força, e a afirmação de que o verdadeiro poder reside na ética e na compaixão.

Além disso, é preciso observar que Máscara da Morte não se redime. Sua destruição é total, o que diferencia a Sombra “confrontada” da Sombra “integrada”. O personagem não retorna como aliado nem como figura transformada. Ele é apagado do caminho para que este possa ser trilhado pelos heróis sem que a corrupção moral contamine sua missão.

Como afirma Hillman (2022), os arquétipos não são estáticos, mas agem dinamicamente como padrões que exigem respostas. Máscara da Morte ativa no herói a necessidade de posicionamento ético. Sua função é pedagógica, não pela instrução, mas pela oposição: ele ensina pelo contraste, exige discernimento e ação. No universo simbólico da narrativa, a Sombra não educa com palavras, mas obriga à escolha entre ascensão e queda.

Hillman (2022) propõe uma releitura da psicologia junguiana ao sugerir que os arquétipos devem ser compreendidos menos como estruturas fixas e mais como imagens vivas, que exigem imaginação e engajamento simbólico. A Sombra, nesse sentido, não é apenas o que foi reprimido, mas o que permanece à margem do discurso dominante, aquilo que o sujeito se recusa a imaginar como parte de si. Máscara da Morte, com sua exaltação da violência e sua zombaria da compaixão, encarna essa margem radical do espírito: o ponto cego da cultura heroica, que só pode ser enfrentado quando se reconhece o perigo da unilateralidade moral.

Essa leitura arquetípica de Máscara da Morte como Sombra se coaduna com sua exclusão posterior da narrativa principal. Ao contrário de outros cavaleiros de ouro que ressurgem em sagas futuras como aliados (como Kanon ou Saga), Máscara da Morte permanece como exemplo de corrupção irreversível, pagando o preço da recusa em confrontar a própria humanidade.

Análise semiótica da narrativa

A semiótica narrativa, especialmente a partir das contribuições de Greimas e Courtés (1989), permite compreender a função de uma personagem não apenas por sua presença literal, mas pela posição que ocupa na estrutura de sentido da obra. A figura de Máscara da Morte, dentro do arco das Doze Casas, ocupa o papel clássico de oponente no contrato narrativo. Ele está no caminho do sujeito (os cavaleiros de bronze) e seu objetivo (salvar Athena), o que lhe confere a função actancial de impedir a realização do programa narrativo principal.

O espaço simbólico que ocupa, a Casa de Câncer, representa um limiar entre o mundo físico e o espiritual, pontuado pelo horror da morte e pela presença fantasmagórica das vítimas. Nesse sentido, seu espaço também atua como signo: é o lugar do confronto entre o visível e o invisível, entre a vida e a anulação. A materialização das almas nas paredes revela o pacto simbólico que Máscara da Morte firma com a destruição, já que ele não apenas mata, mas celebra o rastro da morte.

A Casa de Câncer, espaço de atuação de Máscara da Morte, é configurada como um ambiente de limiar entre o mundo visível e o invisível. Suas paredes ornamentadas com rostos agonizantes funcionam como signos da permanência do trauma, da cristalização da violência. Trata-se de um espaço de memória perversa: ao invés de reverência aos mortos, o que há é celebração da dor. Semioticamente, o ambiente funciona como extensão da psique do personagem, é o inconsciente transformado em cenário. A casa, que deveria ser local de acolhimento, torna-se símbolo do exílio da alma: seus fantasmas não são fantasias, mas manifestações materiais daquilo que foi arrancado da ordem do sentido.

A técnica “Ondas do Inferno” atua, portanto, como signo de desintegração total, sinalizando não só o fim físico do oponente, mas sua expulsão da ordem do sentido. Semioticamente, é uma negação do contrato social e ético que rege o cosmo da narrativa. Em oposição, Shiryu simboliza a reafirmação do contrato: seu gesto sacrificial e sua resistência ética operam como contra-signos à perversidade do oponente.

A resposta de Shiryu à violência de Máscara da Morte é performática e simbólica. O gesto de sacrificar sua própria vida para romper o vínculo com o mundo sensível é uma negativa radical ao regime de sentido proposto pelo oponente. Trata-se de um ato de purificação simbólica, no qual o herói precisa romper com as regras do mundo material, gravidade, luz, medo, para alcançar um nível superior de consciência. O sacrifício não é um fim em si mesmo, mas um signo de renascimento. Ele nega o nihilismo ao demonstrar que há algo mais forte do que o medo da morte: a fidelidade a um valor transcendente. Esse gesto inscreve o corpo de Shiryu como texto simbólico, um palimpsesto ético no qual a dor, ao invés de destruir, revela.

A teoria semiótica, ao enfatizar a articulação entre sujeitos, objetos e valores, permite perceber que a derrota de Máscara da Morte é necessária não apenas como solução do enredo, mas como gesto de reequilíbrio simbólico. Segundo Greimas e Courtés (1989), os sujeitos narrativos não existem de forma autônoma: são definidos pelas relações de oposição ou aliança que constroem o universo de sentido. Máscara da Morte, ao transgredir os valores fundantes da narrativa, justiça, sacralidade da vida, ética, insere-se como antivalor, o que exige sua eliminação para a progressão do contrato narrativo entre os cavaleiros e a causa de Athena.

Essa polaridade é essencial ao funcionamento do sistema narrativo. O herói precisa ser testado, e o teste deve ser radical. Máscara da Morte não propõe dilemas ambíguos: ele personifica o mal absoluto, o que reforça sua função de marcador liminar. A análise greimasiana da narrativa permite observar que Máscara da Morte cumpre o papel de anti-sujeito, isto é, aquele que mobiliza forças em oposição direta ao sujeito-heroico. Essa posição implica não apenas bloquear o percurso do herói, mas também propor uma contra-narrativa, um caminho alternativo que, embora repulsivo, está disponível. A isotopia semântica da morte e do vazio que o personagem propõe contrasta diretamente com a isotopia da vida e do sentido promovida por Shiryu. O embate, portanto, não é apenas entre personagens, mas entre campos semânticos: entre um mundo orientado por valores espirituais e outro regido pela pulsão de morte.

Ele não é um adversário por convicções erradas, mas por rejeitar a própria noção de justiça transcendente. Sua derrota, portanto, é inevitável do ponto de vista semiótico, pois o sistema de valores de CDZ – baseado na cosmovisão de Athena – não pode permitir a permanência de uma ruptura tão grave. Greimas e Courtés (1989) nos lembram que a sanção final de uma personagem está diretamente ligada à sua função dentro da isotopia narrativa. Máscara da Morte, ao ser destruído, sela o restabelecimento do equilíbrio. É excluído do discurso por não aceitar seus termos, não como herói trágico ou figura redimida, mas como desvio que precisa ser eliminado para que a narrativa prossiga. Ele é, assim, o signo do erro e sua erradicação, a reafirmação do sentido.

A função da Sombra na jornada do herói

Joseph Campbell (2007), em sua teoria da Jornada do Herói, estabelece uma estrutura mítica que inclui a presença da Sombra como desafio necessário à evolução do protagonista. Esta figura representa não apenas um obstáculo externo, mas um reflexo do que o herói precisa reconhecer, confrontar e superar internamente. Christopher Vogler (2006) reafirma essa ideia ao posicionar a Sombra como um dos arquétipos mais importantes da narrativa, frequentemente confundido com vilões, mas cuja função é colocar à prova os valores do herói.

Máscara da Morte exerce essa função com precisão. Ao confrontar Shiryu, força-o a reafirmar seus princípios de compaixão, lealdade e sacrifício. A Sombra aqui não é sutileza ou ambivalência moral, é confronto direto com o niilismo. A ausência de empatia, o prazer pelo sofrimento alheio, a negação da justiça: tudo em Máscara da Morte serve para fazer emergir em Shiryu a necessidade de transcendência.

É notável que, no confronto, Shiryu quase cede à destruição. Para vencer, precisa entregar-se por completo, inclusive oferecendo sua vida. Essa entrega corresponde à fase da “provação suprema” (Campbell, 2007), onde o herói atinge o fundo do abismo e, de lá, renasce transformado. Assim, Máscara da Morte é o agente dessa transformação, não por ser mentor, mas por ser limiar. Ele é o “Guardião da Porta” invertido: não instrui, mas barra; não orienta, mas desafia.

Campbell (2007) assinala que o herói, ao enfrentar a Sombra, não deve apenas vencê-la, mas aprender com ela. Trata-se de uma prova iniciática, onde o risco de fracasso é real. A ausência de nuances morais em Máscara da Morte não empobrece sua função arquetípica, mas a acentua: ele figura como o desafio irreduzível, o mal que não pode ser conciliado, apenas confrontado. Esse maniqueísmo simbólico, muitas vezes criticado por sua rigidez, adquire aqui função pedagógica: sinaliza com clareza os valores que a narrativa busca defender, e aqueles que não podem ser admitidos na constituição do herói.

Dessa forma, a Sombra não impede o herói de alcançar seu objetivo final, ela o impulsiona. A destruição da Sombra é, muitas vezes, metafórica: em Jung, ela é integrada à consciência. No entanto, no universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, com sua forte ênfase no maniqueísmo

simbólico, a Sombra não integrada é eliminada. Máscara da Morte, como vimos, não retorna. Sua erradicação reforça a vitória da luz sobre as trevas e sinaliza para o público que há valores que não devem ser tolerados nem relativizados.

A função da Sombra, portanto, é essencial à jornada do herói: sem ela, não há crescimento real. O enfrentamento com Máscara da Morte permite que Shiryu evolua, descubra o Sétimo Sentido e contribua para o avanço dos demais cavaleiros em direção ao Grande Mestre. Em termos simbólicos, ele ultrapassa a morte, literal e metaforicamente, e emerge mais forte, mais consciente e mais próximo da figura ideal do defensor de Athena.

Na perspectiva simbólica da jornada do herói, a morte e o renascimento têm valor iniciático. A passagem por experiências-limite é o que legitima o herói como portador de sentido para a comunidade. Ao transcender o golpe de Máscara da Morte, Shiryu simbolicamente enfrenta sua própria sombra: o medo da nulidade, da derrota e da inutilidade da luta. Essa transformação é o que Jung chama de “confronto com o inconsciente”, etapa imprescindível para a individualização. A batalha não é apenas física, mas uma descida ao inconsciente profundo, o herói retorna à superfície, não como o mesmo sujeito, mas como alguém renovado pela prova arquetípica.

Considerações finais

A análise arquetípica e semiótica da personagem Máscara da Morte de Câncer, com base nas teorias de Jung, Campbell, Vogler e Greimas, permite uma compreensão mais precisa de sua função narrativa dentro do universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco*. Contrariando interpretações que o vinculam ao arquétipo do Sábio, demonstra-se que ele se configura como manifestação clara do arquétipo da Sombra, o lado obscuro, rejeitado e ameaçador da psique humana e da estrutura simbólica da narrativa.

Máscara da Morte não apenas antagoniza os heróis do ponto de vista físico; ele representa a antítese dos valores promovidos pela deusa Athena: justiça, proteção, sacrifício e compaixão. Sua presença como oponente simbólico cumpre um papel crucial: forçar o herói, no caso, Shiryu, a confrontar e superar o que há de destrutivo, cruel e vazio de sentido. A técnica “Ondas do Inferno” revela-se não apenas um golpe devastador, mas a expressão máxima da tentativa da Sombra de dissolver a identidade e o espírito do outro.

Esse golpe é especialmente relevante porque rompe o vínculo entre o sujeito e sua memória, entre o corpo e a alma. Ele é a negação simbólica da transcendência, pois retira do outro sua possibilidade de retorno. Sob a ótica de Hillman (2022), isso equivale a um ataque ao daimon, à singularidade vocacional do ser. Assim, Máscara da Morte não apenas mata: ele tenta apagar a história e o sentido da existência do outro. Seu gesto é, portanto, ontologicamente destrutivo, e é essa radicalidade que justifica sua exclusão absoluta da narrativa.

Do ponto de vista estrutural, Máscara da Morte é um marcador narrativo do limiar que separa o mundo dos vivos e o dos mortos, o herói e a queda, o sentido e o niilismo. Ao ser der-

rotado, ele cumpre sua função de catalisador simbólico: sua aniquilação é a afirmação de que a jornada do herói exige não apenas bravura, mas integridade moral. Diferente de vilões redimidos ou complexos, Máscara da Morte é uma figura da Sombra absoluta, sendo essa completude que o torna tão eficaz em seu papel. Sua exclusão definitiva da narrativa posterior reforça seu papel como expressão que não pode ser assimilada, apenas superada.

A exclusão definitiva de Máscara da Morte do universo narrativo reforça o valor de sua função como figura terminal. Ele não é esquecido, é ritualisticamente expurgado. Sua ausência posterior opera como memória estrutural: um signo daquilo que não pode ser reintegrado sem que a narrativa perca sua coerência ética. Ao contrário de vilões complexos que oscilam entre culpa e redenção, Máscara da Morte opera como o Outro absoluto, a alteridade irreduzível que precisa ser enfrentada para que o herói realize a travessia simbólica. Sua não permanência é, portanto, um testemunho da necessidade de um corte radical com aquilo que ameaça dissolver os fundamentos éticos da saga. Com isso, a série preserva sua estrutura mítica, reafirmando o valor da luz frente à escuridão, da consciência frente à dissolução.

O antagonismo aqui é mais do que narrativo: é ontológico. Máscara da Morte não se opõe apenas à missão dos cavaleiros, mas à própria lógica do cosmos regido por Athena. Sua destruição não é meramente uma exigência do roteiro, mas a sanção simbólica de um modo de ser que viola os fundamentos éticos da existência partilhada. Ao eliminar a figura que glorifica a morte e corrompe o valor da justiça, a narrativa reafirma a sacralidade da vida e a necessidade de limites morais inegociáveis. Nesse sentido, a função da Sombra se cumpre: desvelar o que não pode ser aceito, para que o herói e o público reconheçam o que deve ser protegido.

Assim, pode-se concluir que Máscara da Morte é um dos mais significativos antagonistas do universo de CDZ, não por sua força ou tempo de tela, mas pela densidade simbólica que carrega. Sua derrota é a vitória da jornada interior do herói e do princípio espiritual que sustenta a cosmovisão da série: a luta constante contra as trevas, internas e externas, em nome da esperança, da ética e da transcendência.

Referências

- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- HILLMAN, James. *Psicologia arquetípica: uma introdução concisa*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KURUMADA, Masami. *Os Cavaleiros do Zodíaco* [Saint Seiya]. Japão: Shueisha / TV Asahi, 1986. Série animada.